

Uso de modelo artificial como método substitutivo à venopunção em cães e gatos – um relato de experiência

Fernanda Almino Oliveira Silva¹ , Jovanna Karine Pinheiro² , Rodrigo Cruz Alves³ , Rosivaldo Quirino Bezerra Júnior⁴ 

1. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado – UniVs
E-mail: fernandaalmino@hotmail.com

2. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVs

3. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVs

4. Doutor em Ciências Veterinárias
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVs
E-mail: rosivaldoquirino@univs.edu.br

Comunicação Breve

Na matriz curricular da medicina veterinária, a realização de práticas relacionadas a rotina clínica é primordial para a formação do discente, porém o uso de animais em aula é questionável quando na existência de qualquer ação promovida deletéria ao bem-estar animal, contrapondo o princípio dos “3Rs” (replace, reduce, refine) (RUSSELL; BURCH, 1959). O discente, na busca do aprendizado prático e baseando-se na “tentativa e erro” (THORNDIKE, 1898) durante a ação metodológica, não pode expor o animal ao sofrimento. O trabalho consistiu em um relato de experiência cujo objetivo foi a criação de um modelo artificial para realização de venopunção como método substitutivo à utilização de animais. Para confecção do modelo, foram utilizados materiais acessíveis encontrados em loja de construção e material hospitalar, como: curva 180° p/ eletroduto PVC roscável ½”; luva eletroduto 1.1/4”; eletroduto flexível não-metálico conduíte corrugado PVC amarelo 1” 32mm; tapete “peludo” cor Branco, 0,50X1,00m; equipo macrogotas com injetor lateral, 1,50m; bandagem elástica vital tape autoaderente; seringa descartável com bico catéter de 60ml; e corante líquido alimentício comestível (anilina, cor vermelha). A “curva 180° p/ eletroduto e luva”, serviram de base para fixação do “eletroduto flexível não metálico”, o qual simulou o membro do animal e onde foi fixada a mangueira (equipo macrogotas) com auxílio de bandagem elástica. O tapete foi cortado e costurado de forma a “abrigar” o eletroduto flexível e simular a pele com pelos e subcutâneo do animal. Na execução da técnica de venopunção, diferente da espécie humana, que além principalmente a inspeção visual, existe uma forte associação na medicina veterinária entre a inspeção visual e, sobretudo, a palpação do vaso de interesse. Oliva (2020) cita que, na via intravenosa, as veias mais utilizadas em cães e gatos são a radia ou a cefálica, que foi o vaso trabalhado na confecção do modelo, e a safena. Os dois modelos criados permitiram simular a sensação de coleta de amostra sanguínea em dois tipos de pacientes, com apresentação de maior e menor espaço subcutâneo, “dificultando e facilitando” a coleta, respectivamente. Apesar de se tratar de um método substitutivo à realidade, o uso dessas técnicas permite que o aluno treine e adquira experiência, tornando a execução da técnica menos traumática em um primeiro momento da rotina médica veterinária e, principalmente, reduzindo a taxa de erro na execução da coleta. Esse pensamento corrobora com Ponczek et

Página | 29

al. (2015), que se propuseram a avaliar a utilidade e o aprendizado proporcionado ao corpo discente com o uso de modelos artificiais para treinamento de coleta de sangue em cães; e Ribeiro et al. (2013) cujos modelos possibilitaram a realização de técnicas diversas de punção venosa. Constatou-se, então, que os modelos artificiais são importantes métodos alternativos, didáticos e positivos, eticamente, visto que reforçam a prática de não uso de animais durante o ensino, servindo de base para o aperfeiçoamento da técnica de coleta de sangue, assim como, outras práticas (p. ex. modelos para cirurgia, punção, técnica cirúrgica etc.) no âmbito universitário. Outro fator importante é a inexistência de contato com material infectante em um momento cujo objetivo principal é a aprendizagem e/ou aperfeiçoamento da técnica.

Referências

OLIVA, Valéria Nobre L. S. Contenção química. **In: Semiologia Veterinária: a arte do diagnóstico.** Rio de Janeiro: Roca, 2023. 704 p.

PONCZEK, Clara Alita Corona et al. Treinamento com modelos artificiais para coleta de sangue em cães: estudo cego randomizado. **Archives of Veterinary Science**, v. 20, n. 2, 2015.

RIBEIRO, C. L. et al. Confecção de Modelos artificiais de baixo custo como auxílio aprendizagem de acesso vascular em pequenos animais. **Archives of Veterinary Science**, v. 18, n. 4, p. 25-30, 2013.

RUSSELL, William Moy Stratton; BURCH, Rex Leonard. **The principles of humane experimental technique.** Methuen, 1959.

THORNDIKE, Edward L. Animal intelligence: An experimental study of the associative processes in animals. **The Psychological Review: Monograph Supplements**, v. 2, n. 4, p. i, 1898.